

A teoria semiótica da cultura de Lotman como subsídio para estudo do discurso religioso do Novo Testamento (Mc 12.35-37)

Lotman's Semiotic Theory of Culture as a subsidy for the study of New Testament Religious Discourse (Mk 12:35-37)

Francisco Benedito Leite¹

RESUMO

O presente texto propõe a aplicação do conceito teórico “tradução”, do estudioso russo Iúri Lotman, a uma passagem bíblica. Para tanto, procederemos do seguinte modo: em primeiro lugar, contextualizaremos brevemente a obra do intelectual russo, em seguida, exploraremos os conceitos mais importantes presentes na obra estudada, por último aplicá-los-emos a um trecho delimitado de um discurso de gênero religioso que se encontra em Marcos 12.35-37.

Palavras-chave: Lotman, Religião, Semiótica, Discurso.

ABSTRACT

This text proposes the application of a theoretical concept of “translation”, by the Russian scholar Yuri Lotman to a biblical passage. To do so, we will proceed as follows: first, we will briefly contextualize the work of the Russian intellectual then, we will explore the most important concepts present in the studied work; finally, we will apply them to a delimited excerpt from a religious gender discourse found in Mark 12.35-37.

Keywords: Lotman, Religion, Semiotics, Discourse.

Introdução

Ultimamente os estudos bíblicos têm recebido importantes e renovados aportes teóricos, muitos deles advindos de áreas das humanidades, cujo potencial para contribuição nas áreas de hermenêutica e exegese bíblicas, apesar de presumíveis, não eram incentivados até pouco tempo atrás. Esse é o caso, por exemplo, da utilização do conceito “tradução cultural”, apontado particularmente na proposta teórica do intelectual russo Iúri Lotman, cuja aplicação a temas relacionados com Religião tem sido incentivada por estudiosos de Ciências da Religião e de Teologia tanto no Brasil e quanto no exterior.

¹ Doutor em Filologia e Língua Portuguesa pela USP (2019). Realiza Pós-doutorado em Ciências da Religião na PUC-Campinas e é doutorando em Ciência da Religião pela UFJF. E-mail: ethnosfran@hotmail.com

No presente ensaio, realizamos uma apresentação introdutória sobre o intelectual russo, Iúri Lotman, tanto no que diz respeito à sua biografia elementar quanto no que toca ao conceito desenvolvido por ele, “tradução cultural”, que faz parte de sua proposta teórica da chamada Semiótica da Cultura. O objetivo é que essa explicação elementar sirva para situar o leitor que ainda não conhece Lotman nem sua teoria.

Depois disso, realizamos a aplicação do conceito “tradução cultural” a uma passagem bíblica, Marcos 12.35-37. Por se tratar de um texto bíblico, essa passagem também pode ser classificada como “discurso religioso”, uma terminologia apropriada para abordagens relacionadas com as Ciências da Religião.

Desse modo, o artigo apresentará a proposta de aplicação da teoria semiótica da cultura de Iúri Lotman como subsídio teórico para o Discurso Religioso, quer aplicado à Teologia ou à Ciência da Religião. Demonstrar-se-á assim que os temas relacionados com o estudo acadêmico da religião também podem ser abordados pela metodologia do mencionado intelectual russo.

1. Lotman, um teórico inclassificável

Conforme as informações biográficas oferecidas por Ekaterina Américo (Américo, 2003, p.67-86), Iúri Mikhailovich Lotman nasceu em São Petersburgo, em 1922, provindo de uma família de intelectuais de ascendência judia. Destacou-se na escola desde o início de seus estudos, mas não era interessado pelo estudo de literatura. Conforme seu próprio testemunho, parecia-lhe mais interessante a entomologia, como, curiosamente, outros intelectuais russos também se interessaram por esse domínio ao longo do século XX. Quando entrou na Faculdade de Filologia da Universidade de Leningrado aos dezessete anos, provavelmente foi influenciado por sua irmã, que havia estudado na mesma instituição.

O que o instigava nos insetos é que, segundo sua opinião, eles eram dotados de um mundo inteligente, porém totalmente fechado aos humanos. Mais do que um dado anedótico da biografia de Lotman, a observação sobre a vida dos insetos também é mencionada por Ernst Cassirer, o qual, em *Ensaio sobre o Homem* (Cassirer, 2012), cita o biólogo Jakob von Uexkull, que afirmava que há incomensurabilidade entre organismos diferentes, de modo que no mundo da mosca, encontramos apenas “coisas de mosca”; no mundo do ouriço-do-mar encontramos apenas “coisas de ouriço-do-mar”. Isso representava a negação de uma realidade objetiva que serve para fundamentar a proposta da Filosofia das Formas Simbólicas de Cassirer, que questiona: “Será possível fazer uso do esquema proposto por Uexkull para uma descrição e caracterização do mundo humano?” (Cassirer, 2012, p.46). Questionar a realidade objetiva é o que aproxima Lotman dos filósofos idealistas, mas notaremos que para esse pensador isso acontece de um modo muito específico.

O interesse no mundo dos insetos, embora tenha permanecido, ficou em segundo plano, pois enquanto estudava de filologia na faculdade, Lotman teve seu primeiro

trabalho realizado sob a orientação do já célebre folclorista Vladimir Propp, mas devido à decorrência da guerra deixou os estudos e foi ao campo de batalha, de onde só retornaria cinco anos depois. Assim como a curiosidade sobre o mundo dos insetos, a convivência no campo de batalha também proporcionou aprendizado semiótico, conforme ele mesmo assumiu, além disso, aquele ambiente foi sua oportunidade para aprender francês. Cinco anos depois, voltou da guerra e passou a se dedicar aos estudos vorazmente por mais cinco anos para então concluir sua graduação em 1950. Durante esse período na faculdade seu interesse central foi pela literatura e cultura russa dos séculos XVIII e XIX.

Como filólogo formado e condecorado pelos serviços militares, Lotman teria condições de lecionar nas melhores universidades da União Soviética, mas justamente nessa época irrompeu uma campanha contra os “cosmopolitas” e o governo de Stalin considerava que toda “metodologia importada” era nociva ao governo, e por isso perseguiu grandes intelectuais que usavam teorias como a da literatura comparada ou da semiótica. O problema havia se agravado quando Israel, em 1948, estabeleceu relações diplomáticas com os Estados Unidos e seguiu-se então uma série de acusações contra os intelectuais de origem judaica, suspeitos de espionagem e deslealdade à União Soviética.

Lotman preferiu não insistir em permanecer em sua cidade natal – agora chamada Leningrado – partiu para Estônia, onde não seria censurado e passaria a dar aula na renomada Universidade de Tartu, fundada em 1635. Às margens do Império Russo, a Estônia possuía um espírito europeu, como se fosse um exterior dentro do país. Nesse local formar-se-ia um centro de estudos de semiótica muito importante, assim como houve outros círculos de estudos importantíssimos nessa mesma época, como o Círculo de Praga e o Círculo de Bakhtin.

Apenas dois anos depois da chegada à cidade de Tartu, Lotman voltou a Leningrado para defender seu doutorado, cujo tema estava relacionado com o chamado “Iluminismo Russo”. Uma vez que obteve o título de doutor, passou a ocupar, sucessivamente, os cargos de chefe do Departamento de Literatura Russa e de chefe do Departamento de Literatura Estrangeira e seguiram-se anos de intenso trabalho na universidade, tanto na publicação de revistas acadêmicas quanto nas funções burocráticas que ocupava e na carga horária sempre representativa que acumulou ao longo de sua vida acadêmica.

A Universidade de Tartu ganhou destaque com o trabalho de Lotman, as revistas *Notas Científicas* e *Trabalhos sobre os Sistemas Sígnicos* contaram com os principais intelectuais russos da época, como os renomados formalistas de Moscou Viatcheslav Ivanov, Aleksandr Piatgórski, Vladimir Toporov e Bóris Uspiénski. A união com esses estudiosos proporcionou o início de uma nova fase de estudos liderados por Lotman, a chamada Escola de Semiótica de Tartu-Moscou. Do conjunto de disciplinas, composto por linguística, estudos literários, folclorística, culturologia e até mesmo ciências exatas e, sobretudo, estudos sobre os conceitos do estruturalismo, Lotman buscou uma formulação da semiótica. A reflexão não era mais apenas sobre a literatura, agora se

incluía teatro, cinema, pintura, etiquetas de comportamento social do século XIX, funcionamento do cérebro humano, etc.

A obra publicada de Lotman é volumosa, contendo, além de incontáveis artigos e livros, um ciclo de palestras televisionadas intitulado como *Conversas sobre a Cultura Russa*. Ekaterina Américo destaca a importância de duas de suas obras, *The Universe of Mind* (Lotman, 2001) e *Cultura and Explosion* (Lotman, 2013). Na primeira é introduzido o conceito de “semiosfera”, enquanto que na segunda há uma análise da cultura russa no contexto dos anos de 1990 (Lotman, 2003, p.80s). Diante de sua proficiência e da multiplicidade de seus procedimentos fica impossível classificar a atividade intelectual de Lotman em uma categoria específica, pois a mistura de métodos culturológico, semiótico, filológico e, antes de tudo, histórico é um de seus traços mais marcantes.

Embora a obra de Lotman venha sendo traduzida para as línguas ocidentais desde a década de 1990, no Brasil foi publicada recentemente a obra *Mecanismos Imprevisíveis da Cultura* (2022), e já havia sido publicado *Por Uma Teoria Semiótica da Cultura* (Lotman, 2007), que é a tradução a partir do inglês de fragmentos selecionados de *Universe of Mind*. Dado o caráter introdutório de nosso ensaio, nos parágrafos que seguem vamos nos delimitar a uma tentativa de apresentar resumidamente o principal conceito de *Por Uma Teoria Semiótica da Cultura*, “tradução cultural” ou “tradução na cultura”.

2. A Teoria Semiótica da Cultura

Em *Por Uma Teoria Semiótica da Cultura* (2007), Lotman começa por apresentar a inteligência como atividade única do homem, e justamente por causa dessa exclusividade afirma que algo que é observado isoladamente não pode ser objeto de ciência – lembremo-nos de seu interesse pelo mundo fechado dos insetos. No entanto, a tarefa de definir a inteligência a partir da semiótica se torna possível se o procedimento for à comparação dos objetos pensantes, para que assim possa se deduzir sua característica invariável.

A inteligência definida desse modo pode ser reduzida a três funções: 1. Transmissão de informações disponíveis; 2. Criação de informações novas; 3. Memória, isto é, capacidade de reter e produzir informações. Essas seriam características tanto do sistema semiótico quanto de seus objetos. Diante dessas funções da inteligência, a “binariedade” é a função mínima da estrutura semiótica que transpassa as outras três. A partir da binariedade indissolúvel, também se define a própria cultura, como ambiente onde são produzidas novas mensagens a partir do movimento dos textos pela polaridade binária existente. O mecanismo que permite esse movimento é a “tradução” e o ambiente onde acontecem esses fenômenos é a “semiosfera”. Por motivos didáticos tratamos o primeiro conceito mencionado por “tradução cultural” ou “tradução da cultura”, embora na maioria das vezes o autor mencione apenas “tradução”, sem nenhum adjetivo na sequência.

A estrutura de *Por Uma Teoria Semiótica da Cultura* (2007) pode ser compreendida a partir da seguinte tabela:

Função do texto	Tipo de texto em que predomina determinada função	Título do capítulo
1. Transmissão de informações disponíveis	Comunicação	“Eu” e o outro como destinatários.
2. Criação de informações novas	Textos artísticos	Uma alternativa: cultura sem letramento ou cultura antes da cultura?
3. Memória, isto é, capacidade de reter e produzir informações	História	O papel dos símbolos tipológicos na história da cultura (contrato e auto-entrega como arquétipos culturais).

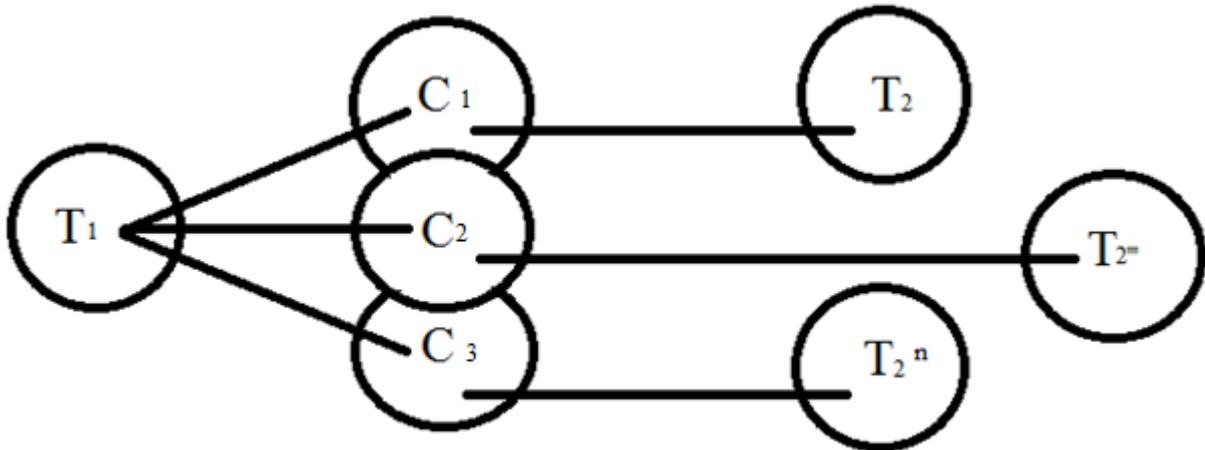
Para entendermos melhor do que se trata a estrutura binária que é tão fundamental para o pensamento de Lotman, lembremo-nos do esquema comunicativo proposto por Saussure em *Curso de Linguística Geral* (2006, p.27). Nesse esquema, observe que a mensagem é comunicada da “mente A” para a “mente B”, e só pode haver comunicação através dessa transmissão da mensagem.



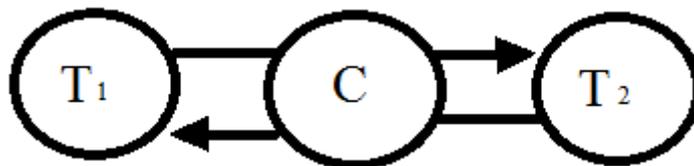
CLG, p. 27 : o circuito da fala

Lotman transporta esse esquema para todas as estruturas semióticas que acontecem na semiosfera, chamadas por ele de objetos pensantes e assim considera a comunicação na cultura e não apenas entre os indivíduos. Além disso, sua teoria postula que há diferentes códigos para “traduzir” os textos transmitidos, e isso gera o surgimento de novos textos. As interferências existentes na comunicação, que são consideradas pela semiótica europeia como “ruídos”, são exatamente o que produz novos textos; e se considerássemos que a comunicação eficaz é aquela que se realiza sem nenhuma interferência, então poderíamos considerar que nenhuma comunicação alcança a eficácia.

Imaginemos então que na imagem acima as duas pessoas colocadas em diálogo representem, na verdade, dois ambientes culturais (que podem estar distantes no tempo ou no espaço ou distantes em ambos os sentidos ao mesmo tempo) e a mensagem veiculada pela comunicação sofrerá interferências irrevogáveis no processo comunicativo, pois, quando o “texto 1” é traduzido para outro sistema decodificador, gera-se o “texto 2”, e, se tentarmos realizar a tradução reversa, chegaremos ao “texto 3”.



De modo algum, as línguas naturais conseguem o mesmo êxito obtido pelas línguas artificiais que invertem o processo de tradução e chegam novamente ao texto original como era antes de ser traduzido.



Por teoria semiótica da cultura (Lotman, 2006, p.18)

Esse processo de tradução que gera novos textos é característico de toda linguagem natural e ainda mais evidente quando se traduz um romance da literatura para o cinema ou a narrativa evangélica do texto escrito para um texto icônico. Para Lotman, o êxito da cultura em criar novos textos consiste nessa capacidade de produção, e é justamente essa a atividade por excelência destinada ao desenvolvimento da cultura, tanto quanto é a atividade que a define. Quanto mais um mesmo texto é traduzido, mais se produzirá na cultura.

Em um excerto da autoria do próprio Lotman, conseguimos compreender o problema existente na leitura de textos que são lidos por leitores que estão numa cultura distinta daquela em que o texto foi escrito:

Assim, o leitor contemporâneo de um texto sagrado medieval, naturalmente, decifra sua semântica utilizando outros códigos estruturais que não são os do criador do texto. Com isto muda também o tipo de textos: no sistema de seu criador ele pertencia aos textos sagrados, enquanto, no sistema do leitor, pertence aos textos literários (Lotman, 2010, p. 35).

No Brasil, Paulo Augusto de Souza Nogueira², pesquisador na área das Ciências da Religião, vem utilizando a semiótica da cultura de Lotman como subsídio teórico para estudos na área denominada Linguagens da Religião, como é atestado por artigos produzidos por ele. Nos parágrafos seguintes, seguindo as propostas desses artigos, realizamos uma breve análise de um texto do livro canônico do evangelho de Marcos para aplicar os conceitos estudados.

3. Análise

Como foi descoberto pela pesquisa bíblica e é amplamente aceito hoje em dia, cada uma das perícopes (isto é, trechos bíblicos coesos e delimitados como unidade pelos exegetas) do evangelho, foi transmitida independentemente em fases pré-literárias, quando circulavam oralmente com objetivos catequéticos, apologéticos, litúrgicos, evangelísticos, proclamatórios, etc. Assim, cada perícopa do evangelho teve uma função vital para os primeiros cristãos no seu cotidiano de vivência na fé.

Em estágio posterior, os cristãos letrados realizariam uma compilação dessas perícopes e as uniram em uma forma narrativa através de alguns elementos que dariam coesão textual, como os lugares geográficos e as cronologias frágeis que lhe proporcionaram um enredo bastante limitado. Desde muito cedo, chamaram essa colcha de retalhos de “evangelho”.

Pode-se dizer que todos os textos que incorporaram o evangelho eram interpretações da *Tanakh*, que eram atualizadas pela hermenêutica da *figura* (Auerbach, 1998). Pelo conceito de figura permitir-se-ia a ligação de personagens, lugares e momentos historicamente distantes como se estivessem relacionados por uma lógica baseada na vontade divina que faz com que esses elementos se repitam figuralmente na história da relação de Deus com a humanidade.

Os primeiros cristãos viram em Jesus, um judeu camponês, mestre e taumaturgo, vítima inocente de uma violenta morte por crucificação – condenado a esse suplício por rebelião contra o Império Romano e blasfêmia contra a Lei Judaica – o cumprimento de todas as expectativas messiânicas, pois o consideraram em sua injusta condenação, o

² Cf. Religião como Texto: contribuição da semiótica da cultura. In: NOGUEIRA, Paulo A. S. [org.]. *Linguagens da Religião*. São Paulo: Paulinas, 2012, p.13-30; Religião e ficcionalidade: modos de as linguagens religiosas versarem sobre o mundo. In: NOGUEIRA, Paulo A. S. [org.] *Religião e Linguagem*. São Paulo: Paulus, 2015, p.115-142; Traduções do intraduzível: a semiótica da cultura e o estudo de textos religiosos nas bordas da semiosfera. In: Estudos de Religião: Revista de Estudos e Pesquisa em Religião. (Universidade Metodista de São Paulo). São Bernardo do Campo: v.29, n.1 (jan-jun), 2015, p.102-126.

'ebed yahweh (em hebraico, “servo de Yahweh”) do profeta Isaias (cf. Is 53), que carrega as dores de todo o povo e será recompensado por isso. Do mesmo modo, viram nele a frequente vítima de tormentos terríveis dos salmos de lamentação (cf. Sl 22).

Para provar que tinham a interpretação correta sobre Jesus, os primeiros cristãos se envolveram em frequentes discussões com os membros de outras seitas judaicas que não acreditaram nele como messias. As discussões dos primeiros cristãos sobre a interpretação das Escrituras seguiam o método tradicional do judaísmo da época, conhecido como *midrash*. Segundo essa perspectiva, deve-se extrair do texto a mensagem que ele contém, embora nem sempre seja evidente.

As discussões que a seita dos primeiros cristãos teve com as outras seitas judaicas foram colocadas nas narrativas evangélicas como se tivessem sido pronunciadas por Jesus contra os fariseus, pois a comunidade cristã considerava-se a si mesma o corpo místico de Cristo (Moura; Leite, 2010, p.26.), e isso lhe permitiria ver em suas disputas do presente, as aflições vividas pelo próprio Jesus durante sua vida.

Dado o objetivo apologético que levou à formulação de trechos do evangelho, temos a seguinte passagem:

E, falando Jesus, dizia, ensinando no templo: Como dizem os escribas que o Cristo é filho de Davi? O próprio Davi disse pelo Espírito Santo: O Senhor disse ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita até que eu ponha os teus inimigos por escabelo dos teus pés. Pois, se Davi mesmo lhe chama Senhor, como é logo seu filho? E a grande multidão o ouvia de boa vontade. (Mc 12.35-37).

A discussão se dá em torno da messianidade de Jesus, que é negada pela seita dos escribas que afirmava, com base em textos da *Tanakh*, que o verdadeiro messias deveria vir ao mundo a partir da linhagem do rei Davi. A comunidade de onde proveio o evangelho de Marcos não afirma que Jesus veio da linhagem real, não há a mínima menção ao nascimento virginal ou à genealogia alguma – como testemunham os outros dois evangelhos sinóticos (Mateus e Lucas). Também não afirma que Jesus veio de Belém, pois a única referência à origem de Jesus é Nazaré. Diante disso, os escribas argumentam contra a messianidade de Jesus, mas os primeiros cristãos contra-argumentam citando o Salmo 110, que em seu contexto é assim:

Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha mão direita, até que ponha os teus inimigos por escabelo dos teus pés. O Senhor enviará o cetro da tua fortaleza desde Sião, dizendo: Domina no meio dos teus inimigos. O teu povo será mui voluntário no dia do teu poder; nos ornamentos de santidade, desde a madre da alva, tu tens o orvalho da tua mocidade. Jurou o Senhor, e não se arrependerá: tu és um sacerdote eterno, segundo a ordem de Melquisedeque. O Senhor, à tua direita, ferirá os reis no dia da sua ira. Julgará entre os gentios; tudo encherá de corpos mortos; ferirá os cabeças de muitos países. Beberá do ribeiro no caminho, por isso exaltará a cabeça. (Sl 110.1-7).

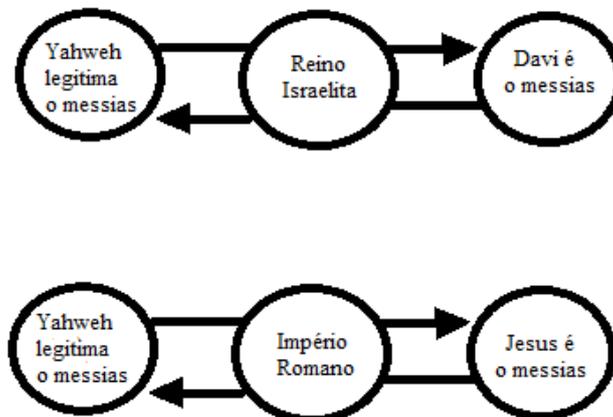
Originalmente o texto supracitado pertence à classe de “salmos de entronização”, que legitima o reinado da dinastia davídica com base na soberania de *Yahweh*, o qual, após breve introdução, ordena em primeira pessoa ao rei que se assente à sua direita, isto é, compartilhe sua soberania através do estabelecimento de um reino que se sobrepõe aos inimigos vizinhos através de guerras autorizadas por ele próprio.

No entanto, o poema hebraico escrito durante o período brevíssimo de prosperidade do Reino Israelita no tempo de Jesus passou a ser interpretado a partir da tradução grega dos setenta (LXX) e a ser compreendido à luz do helenismo de seu ambiente contemporâneo. Nessas condições, não é ao seu rei escolhido que *Yahweh* fala, mas sim, ao seu messias, pois naquele dado momento histórico não faria mais sentido acreditar que as palavras de êxito bélico e realeza eterna se referissem a Davi, pois a terra de Judá estava sitiada por soldados romanos.

A Palestina foi conquistada pelo Império Romano em 63 a.C. e reduzida a nação vassala. Em 40 a.C., apesar de Herodes ter recebido a titulação de etnarca da Judeia e receber autonomia nos assuntos internos, sabe-se que ‘o rei da Judeia’ era uma espécie de rei fantoche, que aparelhava o sacerdócio de Jerusalém, os chamados saduceus, para coletar altos impostos dos camponeses e dedica-los a César, em troca da manutenção de seu status. Nesse contexto, a permanência do reinado de Herodes dependia de uma desprezível combinação de subserviência pecaminosa aos romanos com uma igualmente transgressora exploração dos trabalhadores empobrecidos. Esse é o contexto histórico-social da Judeia nos tempos de Jesus que Horsley e Hanson descrevem no livro *Bandidos, Profetas e Messias* (1995).

Além disso, há uma questão teológica mal resolvida que levaria as seitas judaicas a entenderem que o rei deve também ocupar a função de sacerdote, caso insistissem que o texto fala de Davi (houve uma experiência traumática quando, durante a dinastia dos asmoneus, o monarca realizou função sacerdotal). No entanto, se dupla função fosse atribuída a Jesus não seria problemática para os cristãos, pois entendiam que o sacerdócio fosse uma das funções exercidas simbolicamente por Jesus. Assim, a interpretação dos cristãos, embora não fossem de modo algum aceitas pelos representantes de outras seitas judaicas, fazia-se plausível.

Veja o conteúdo descrito acima colocado no esquema da tradução da cultura de Lotman (2007):



A mudança no código cultural – a tradução cultural – permitiu o surgimento de um novo texto, que não pode mais ser traduzido de forma inversa para alcançar sua forma original. Esse processo de tradução, no sentido amplo do termo, é o que produz novos textos, é o processo cultural por excelência, dentre os quais a religião é um elemento fundamental.

Considerações finais

No presente texto, tivemos como objetivo, em primeiro lugar, realizar uma apresentação introdutória tanto sobre a biografia quanto sobre a teoria de Lotman. Como era de se supor, a ênfase esteve em sua reflexão sobre a Semiótica da Cultura, pois esta teoria tem se mostrado como uma importante ferramenta teórica quando aplicada à Religião.

No caso, a aplicação foi realizada ao texto bíblico, que pode assim ser denominado como Discurso Religioso, uma vez que a abordagem foi realizada partir das Ciências da Religião, e assim permitiu uma renovada perspectiva de leitura sobre a perícopes do evangelho conforme Marcos.

O exemplo representado pela aplicação da Semiótica da Cultura ao texto do evangelho é apenas ensaístico, serve para mostrar a possibilidade de revitalização do texto bíblico a partir de novas abordagens teóricas que podem acompanhar a exegese, também serve para indicar que existe uma iminente ferramenta de interpretação bíblica se desenvolvendo. Sobretudo, do ponto de vista da teoria semiótica da cultura, aponta para a abrangência da proposta teórica de Lotman.

Referências

AMERICO, Ekaterina Vólkova. “Lúri Lotman: entre biografia e obra”. In: *RUS: Revista de literatura e cultura russa* (Universidade de São Paulo). São Paulo, v.2, n.2, 2003, p.67-86. Disponível online: <https://www.revistas.usp.br/rus/article/view/88690/91567>. Pesquisa realizada 14 de junho de 2022.

AUERBACH, Erich. *Figura (Mínima Trotta)*. Trad. Yolanda García Hernández y Julio A. Pardos. Madrid: Trotta, 1998.

BÍBLIA SAGRADA. Trad. João Ferreira de Almeida ACF. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

CASSIRER, Ernst. *Ensaio sobre o Homem: Introdução a uma filosofia da cultura humana*. Col. Biblioteca do Pensamento Moderno. 2 ed. Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

HORSLEY, Richard; HANSON, John S. **Bandidos, Profetas e Messias: Movimentos populares no tempo de Jesus**. Trad. Edwino Aloysius Royer. São Paulo: Paulus, 1995.

LOTMAN, Iúri M. **Cultura y Explosión**. Barcelona: Gedisa: 2013.

LOTMAN, Iúri M. **Mecanismos Imprevisíveis da Cultura**. Trad. Irene Machado. São Paulo: Hucitec, 2022.

LOTMAN, Iúri M. **Por uma teoria semiótica da cultura**. Extratos traduzidos por Fernando Mourão. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2007.

LOTMAN, Iúri M. Sobre o problema da tipologia da cultura. In: SCHNAIDERMAN, Bóris [org.]. **Semiótica Russa**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2010, p.31-42.

LOTMAN, Iúri M. **The Universe of Mind**. Indiana University Press, 2001.

MOURA, Rogério de Lima; LEITE, Francisco Benedito. O misticismo da cristologia cósmica das dêutero-paulinas. In: **Oracula** (Universidade Metodista de São Paulo). São Bernardo do Campo, v.8, n.13, 2012, p.25-52. Disponível online: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/oracula/article/view/5778/4660>. Pesquisa realizada 14 de junho de 2022.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. Religião como Texto: contribuição da semiótica da cultura. In: NOGUEIRA, Paulo A. S. [org.]. **Linguagens da Religião: Desafios, métodos e conceitos centrais**. Col. Estudos de religião. São Paulo: Paulinas, 2012, p.13-30.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. Religião e ficcionalidade: modos de as linguagens religiosas versarem sobre o mundo. In: NOGUEIRA, Paulo A. S. [org.] **Religião e Linguagem: abordagens teóricas interdisciplinares**. Col. Sociologia e religião. São Paulo: Paulus, 2015 A, p.115-142.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. Traduções do intraduzível: a semiótica da cultura e o estudo de textos religiosos nas bordas da semiosfera, **Estudos de Religião: Revista de Estudos e Pesquisa em Religião**, São Bernardo do Campo: v. 29, n.1 (jan-jun), 2015B, p. 102-126. Disponível online: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/5792/4670>. Pesquisa realizada 14 de junho de 2022.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye. Tradução de Antônio Cheloini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006.

Submetido em 20/02/2023

Aceito em 15/09/2023